

A SÃO PAULO DAS MIL E UMA VÁRZEAS: A CIDADE TOMADA PELO FUTEBOL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

THE SÃO PAULO OF A THOUSAND AND ONE MEADOWS: THE CITY TAKEN BY SOCCER IN THE FIRST DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY

Glauco Gonçalves¹

Resumo

A cidade de São Paulo das primeiras décadas do século vinte foi radicalmente tomada pelo jogo de bola. Das várzeas às ruas e terrenos baldios praticava-se uma profusão irradiante, com variações incontáveis, de futebolis. O centro espacial desta cidade preenchida de futebol se deu nas várzeas dos rios Tiête e Pinheiros, onde existiram centenas, talvez milhares de campos de futebol amador, e alguns destes organizaram-se como clubes. Este texto busca abordar esta cidade dos campos de várzea e procura entender os fundamentos e as razões que produziram seu desaparecimento, um processo brutal que vai do (espaço) lúdico ao lucro.

Palavras-Chave: São Paulo; futebol de várzea; futebol amador, lúdico e lucro.

Abstract

In the first decades of the twentieth century the city of São Paulo was radically taken by soccer games. From the meadows to the streets and wastelands there was a radiating profusion of this practice, with uncountable variations of soccer. The spatial center of this city filled with soccer was at the meadows of the rivers Tietê and Pinheiros, where there were hundreds, maybe thousands of amateur soccer fields, and some of them happened to organized themselves as teams. This text aims to study this city of meadow fields and tries to understand the foundations and the reasons of their disappearance, a brutal process which goes from the ludic (space) to the profit.

Keywords: São Paulo; meadow soccer; amateur soccer; ludic; profit.

¹ Doutor em Geografia Humana, mestre em Geografia Humana e bacharel e licenciado em Geografia. Atualmente é professor na Universidade Federal de Goiás.

A popularização radical do futebol: a pelada toma a cidade

Centrarei minhas considerações sobre o processo de popularização, que considero radical, tomando como parâmetro a cidade de São Paulo, não só porque foi a cidade aonde centrei meus estudos sobre o tema, mas também porque nela se viu a constituição de uma espacialidade ampla e profunda do jogo, atrelada à vida de bairro (SEABRA, 2003) e ao próprio processo de urbanização. Creio, entretanto, que guardadas as devidas especificidades, a popularização futebolística e sua ampla possibilidade adaptativa se realizou Brasil à fora tornando-se uma constante nas mais variadas cidades do país, ainda que realizada em diferentes contextos e espaços. Se em São Paulo a várzea merece destaque pode ser que a praia em cidades litorâneas tenha tido o mesmo ou similar papel.

Para tratar da difusão eloquente que o futebol, em todas as suas possibilidades e formas de se jogar, se espalhou pela cidade mesmo com a tentativa elitista de assegurar e manter o futebol exclusivamente como esporte das classes abastadas. Convém salientar que tais elites estavam vinculadas ao processo de introdução das indústrias e linhas férreas, vinculavam-se portanto à modernização da reprodução capitalista no país. A relação entre a profusão do futebol pelo mundo (e também pelo Brasil) não pode ser compreendida sem a relação necessária com a implementação e expansão das indústrias e das estradas de ferro.

Até a primeira década do século vinte os times da elite e os (poucos e nascentes) times populares se revezavam jogando na várzea do Carmo. As obras de transformação do antigo Velódromo em campo de futebol mudaram este cenário e criam um espaço específico para as classes dominantes jogarem e verem os jogos sem se misturarem à ralé.

O futebol tornara-se popular em várias áreas da cidade. De início, era jogado nas margens dos rios Tamandateí e Tietê. Os ingleses construíram um campo privativo na chácara Dulley. Os alemães jogavam na chácara Witte. Mas a bola também rolava no Belém, no prado da Moóca, no Cambuci e na várzea do Carmo. Durante esse período, e sobretudo no Carmo, clubes de elite e populares

alternavam-se em campo. Para evitar essa indesejável convivência, os dirigentes do Clube Atlético Paulistano promoveram, em conjunto com a prefeitura municipal, a transformação do Velódromo existente na cidade em campo de futebol. Daí em diante, os times populares, que permaneceram no Carmo, tornaram-se conhecidos como “varzeanos”. (SANTOS NETO, 2002, p. 49)

A descrição acima torna evidente o quão significativo foi o esforço programático para separar, em São Paulo, o futebol da elite do futebol popular, e desmerecer e desqualificar este último, tratado como “sem classe”. Ao levar o futebol de elite ao antigo Velódromo, estava garantida a exclusão dos “sem classe” – tanto dos jogos como da plateia. O Velódromo é um marco na segregação espacial futebolística, e mostra muito do esforço em negar o futebol como sendo uma manifestação das classes populares².

Também é relevante notar que já em 1900 pode-se constatar, ainda que de modo incipiente, a existência do futebol de várzea; e em 1905, com a ida do futebol elitista para o Velódromo, o futebol de várzea ganha mais contornos que o caracterizam até hoje. Era (ainda é?) classificado como futebol varzeano aquele que não é da elite, que não “possui classe”, jogado por operários, desocupados, negros, migrantes, etc.; em espaços não totalmente formalizados e transformados para o jogo nas proximidades dos rios da cidade de São Paulo.

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol” e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. Uns eram dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos gentlemen ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras”.

²Tinha a elite avançando e conquistando espaço para o seu futebol e se distinguindo dos “futebóis menores”. A imprensa, tal como o Velódromo, foi de grande importância nessa afirmação do futebol das elites. Não só na afirmação, mas na exclusão dos indesejados: “O povo das ruas e dos bairros pobres não era bem-vindo, e o que se divulgava nos jornais era a presença de nobres senhoras e senhores trajando finas toaletes importadas de Paris e elegantes chapéus de coco e palheta. O que se deduzia desse cenário é que o futebol só podia ser assistido e praticado por gente da alta sociedade” (RIBEIRO, 2007, p. 26).

[...] o futebol dos operários, ambulantes e desocupados era enquadrado na *categoria* de manifestação esportiva indesejável, sem valor e digna de ser reprimida pelas autoridades. A elite paulista não só rejeitava a popularização do futebol entre operários, imigrantes, negros e estudantes dos bairros populares, como também lutava por diferenciar seus cinco times do futebol “não oficial”. (SANTOS NETO, 2002, pp. 53-60)

Como se pode ver, não só a *pelada* foi rapidamente “eliminada da história”, mas também foi cerceada a possibilidade de participação conjunta de times populares e elitistas no mesmo campo de jogo. No Brasil tal elite procurou por todos os meios assegurar o monopólio do futebol enquanto prática esportiva, restringindo-a às classes dominantes. A *pelada* era desprezada e sequer considerada parte do universo futebolístico. Todavia este árduo processo não pode ser assegurado por muito tempo³. Com menos de trinta anos desde sua chegada, o futebol já se tornara, nas palavras de SEABRA (2003), uma febre que se espalhava pelas cidades.

Desde os primeiros anos deste século uma febre foi invadindo todas as ruas, quintais, portas de fábricas, terrenos baldios e o que mais houvesse. As práticas lúdicas do futebol integravam com muita força novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha. Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as sessões de trabalho. (SEABRA, 2003, p. 340)

As classes populares organizam times e clubes nos moldes e arregimentações exigidas pelo futebol oficial e propunham campeonatos e duelos entre times de outros bairros. Junto com os times surgiam e se disseminavam os campos. Na São Paulo da primeira metade do século vinte chegaram a ser milhares de campos de futebol com

³ A facilidade com que se podia jogar, bastando uma bola (ou algo próximo a isto) e um terreno possibilitava a difusão do futebol. Além disso, a necessidade de vinte e dois jogadores fazia com que os antigos alunos do Colégio São Luís (Ravanche, merece algum destaque), bem como também a “turma” de Miller precisassem recorrer a pessoas não tão abastadas e sofisticadas.

tamanho equivalente aos campos profissionais. Em geral tais campos ocuparam as várzeas, áreas que permaneciam, até então, menos valorizadas e ociosas⁴.

Ao mesmo tempo o futebol se difundia improvisado e jogado de acordo com a possibilidade de adaptá-lo, seja ao terreno (a rua, a praia, o terreno baldio, uma parte do pasto, uma beira de rio, etc.), seja ao número de jogadores, seja à bola (de meia, de pelica, de capotão, etc.). A cidade das várzeas ia também se constituindo como a cidade da *pelada*. A popularização do futebol foi radical porque não pediu permissão, porque foi um movimento de massas que moveu e foi movido por um impulso lúdico, uma vontade de jogar radicalmente (algumas vezes) oposta ao ideário do trabalho; foi radical porque transformou a cidade, seus hábitos e costumes⁵, criando uma geografia do jogo. A elite se engalfinhou no velódromo⁶, o resto da população tomou a cidade inteira com o futebol. *“Dormia-se vendo três campos novos e quando se acordava lá estavam, e se estiverem livres do capim, mais meia dúzia”* (ANTUNES, 1992, p. 19).

A cidade de São Paulo foi sempre reconhecida por sua capacidade e aptidão para o trabalho, mas é preciso lembrar (e não parece por acaso que se esqueceu) que existiu uma São Paulo – simultânea e contraditoriamente – lúdica. Se deu uma certa geografia destinada ao lúdico⁷ nesta cidade que foi realizada em espaço consideravelmente grande e com uma intensidade e envolvimento amplo, tanto

⁴“Naquele tempo, 'década de vinte' tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Pode pôr cinquenta campos. Barra Funda entre vinte e vinte e cinco campos. Ipiranga junto com Vila Prudente pode pôr uns cinquenta campos. Vila Matilde uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. (BOSI, 1983, p. 88)

⁵SEABRA lembra que o futebol foi a primeira prática realizada no bairro fora do âmbito da igreja. É claro, lembra ainda esta autora, que a igreja não tardou a buscar suas relações com o futebol e isto pode ser visto na profusão de campos que foram surgindo próximos às paróquias de bairro; este processo também pode ser visto nos padres abençoando times e competições.

⁶Não só se segregou como criou formas de institucionalizar o futebol à “moda inglesa” impedindo que os times populares jogassem seus campeonatos. A voracidade do processo era tamanha que a primeira liga da cidade (LPFB: Liga Paulista de Futebol) acabou admitindo a participação de clubes populares. Por não aceitarem estes times os clubes tradicionais da elite criaram a APEA (Associação Paulista de Clubes Amadores, criada em 1913). Durante quatro anos existiram dois campeonatos simultâneos de futebol da cidade, fato que prova não só o preconceito e a necessidade de auto segregação da elite paulistana da época como prova também a dimensão quantitativa e qualitativa que o futebol já havia adquirido na cidade, atravessando classes.

⁷“As mobilizações em torno do futebol produziam uma Geografia singular; eram práticas que recortavam de diferentes maneiras o espaço social da cidade com seus bairros” (SEABRA, 2003, p. 382).

numérico como afetivo. Pode-se ainda localizar, de certo modo, um centro desta geografia do lúdico⁸ na São Paulo da primeira metade do século vinte. Este centro irradiante era formado pelos Rios Tietê (mais notadamente) e Pinheiros. Naquela época, na perspectiva do adensamento, da industrialização e dos negócios o centro estava consolidado nas ruas do triângulo (Direita, XV de Novembro e São Bento) e do seu entorno; mas da perspectiva do lúdico o centro era o entorno da cidade. Nos rios Tietê e Pinheiros (sobretudo, mas não só), como se sabe, se nadava e pescava. Nas suas proximidades, em seu conjunto de várzeas meândricas⁹ se reunia e se realizava o futebol em todas as suas facetas, do mais institucional (times, clubes) e adequado às regras oficiais, ao mais desprezioso e espontâneo, adaptado de acordo com o contexto.

Ganhou realidade a noção prática de futebol de várzea em São Paulo quando os clubes varzeanos explodiram na década de vinte. A motivação para formar os times e procurar jogo estava nos interstícios da sociedade, parece que atendiam a um certo impulso [...] É um fato extraordinário que o futebol tenha tido tal enraizamento. Que tenha se implantado sem proselitismo, sem discurso justificativo. Em princípio foi unicamente pelo sentido prático que lhe dava o povo que o futebol saiu das elites e se difundiu pela sociedade manifestando enorme inteligência criativa. A partir de tais constatações não surpreende que o slogan segundo o qual a várzea teria sido um “celeiro de craques”, no país do futebol, seja sempre reiterado. (SEABRA, 2003, p. 344)

⁸Embora o futebol tenha sido central nesta geografia do lúdico na São Paulo das primeiras décadas do século vinte, faz-se necessário evidenciar que outras práticas lúdicas também existiam na cidade. O futebol ia se configurando como principal prática lúdica, mas não a única.

⁹Aliás é preciso salientar que a horizontalidade destas várzeas, comum em rios que correm em planícies e bacias sedimentares, foi um propulsor do jogo e do esporte. Se somadas esta característica à da desvalorização destas áreas é possível encontrar a explicação da amplitude e da dimensão que o futebol de várzea ganhou em São Paulo. Não deixa de ser sintomático que o termo futebol de várzea passou a ser adotado como o termo que designa todo e qualquer futebol amador e improvisado. Também me parece relevante pontuar que a própria presença deste tipo de futebol e de sua designação ser corriqueira e difundida no vocábulo dá pistas da sua amplitude, bem como de seu arraigamento na cultura popular paulistana. Por fim, é preciso dizer que o processo de retificação dos rios Pinheiros e Tietê marca um novo lugar para aquelas várzeas que, até então, eram eminentemente lúdicas. O vertiginoso crescimento da cidade avançava em direção às várzeas, valorizando-as. Junto disso, e por conta disso, a empresa canadense The Brazilian Traction, popularmente conhecida como Light avança seu controle sobre o curso das águas destes dois rios, e ao realizar a retificação que tornou ambos em canais retilíneos, esta empresa obteve o direito e a propriedade sobre as áreas que configuravam o antigo curso tanto do Tietê como do Pinheiros. De pronto a diretoria desta empresa proibiu o uso das várzeas para o jogo (bem como para a pesca, ou para a retirada de areia, entre outras atividades).

A cidade de São Paulo das primeiras décadas do século vinte teve parte considerável de sua espacialidade constituída pelos campos de várzea, e esta espacialidade era preenchida com um uso do tempo voltado ao jogo. É preciso destacar a magnitude deste processo no seio da vida cotidiana dos paulistanos daquela época¹⁰. O futebol varzeano, com sua gratuidade, preencheu um lugar especial e profundo na vida social da cidade. Se a cidade de São Paulo foi classificada como a cidade industrial, simultânea e contraditoriamente, deve ser classificada (sobretudo na primeira metade do século vinte) como a cidade do futebol de várzea, que não só tomou conta de uma vasta área¹¹, mas ocupou lugar de destaque na vida social paulistana. Em um comunicado de 1931 no jornal “A Gazeta” os times varzeanos foram convidados para um campeonato (Taça São Paulo) é possível ver um pouco da magnitude deste processo:

[...] Vede, a várzea é bem o reflexo da grande metrópole, melhor, o produto mais vivo de sua tenacidade [...] No reboiço phantasmático deste campeonato gigante [...] a gente fica pensando que há mais varzeanos que vehiculos pelas ruas de nossa Paulicéia dinamica e formidável [...]. (Apud In: SEABRA, 2003, p. 373)

Mas a cidade dos campos de várzea ia se constituindo também como a cidade do futebol improvisado para além das margens dos rios. Brotavam campos em áreas que não eram necessariamente varzeanas, mas ainda assim eram nomeadas. Também foram surgindo os famosos campinhos de terrenos baldios aonde, sobretudo as crianças, se deleitavam no jogo de bola, bem como em outras tantas práticas lúdicas como o pipa, o peão, a bola de gude; e ainda o “mãe da mula”, o “pega-pega”, o “esconde-esconde”, etc. A própria rua se configurou como um lugar próprio de jogo.

¹⁰“Eram por volta de setecentos clubes nos anos quarenta. Porque não dizer que os clubes chegaram a ser coletivos que se assumiam perante a cidade enquanto representantes dos seus bairros? São Paulo era uma cidade de bairros com hinos, flâmulas, bandeiras e camisas de clubes, que emergiam ao sábados, domingos e feriados” (SEABRA, 2003, p. 364).

¹¹Mais de mil campos se considerados em média um hectare por campo (ainda que a grande maioria destes campos tinha também um clube, uma área social, o que os tornava ainda maiores em metros) se pode falar em mais de dez mil metros quadrados de espaço destinado à bola, ao jogo.

Embora seja muito distante do que se vive hoje, e por isso também mais difícil de acreditar, as ruas da cidade de São Paulo já tiveram no futebol umas das suas principais atividades e formas de ocupação e uso¹². Na rua a improvisação e a liberdade criativa avançaram para além de qualquer limite. Ali, o jogo de bola, a pelada, transcendeu radicalmente o futebol, o esporte. Na rua (bem como na praia) o futebol pode ser jogado negando toda e qualquer forma e regra pressuposta. Joga-se sem gol, sem juiz, sem goleiro, sem saída de bola e sem falta: tudo ao mesmo tempo, em uma mesma modalidade¹³. O futebol não só foi amplamente subvertido pela rua, como a rua foi subvertida pelo futebol.

Mas também o futebol acontecia com ou sem clubes, porque explodiu como uma grande paixão. Crônicas da época não cansam de relatar que as ruas foram transformadas em campos de futebol, Nas ruas dos bairros chiques a bola era de pelica, de gomos coloridos, enquanto nas ruas dos bairros pobres era de meia. Havia moleques jogando bola o dia inteiro no meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais. (DEBORTOLI & MARTINS, 2008, p. 141)

Mesmo em áreas mais nobres da cidade o jogo, embora em menor constância e riqueza, a infância e a rua (dentre outros espaços públicos e “semi-públicos”) se realizavam e se relacionavam com uma constância significativa, gerando noções e formas de apropriação do espaço, bem como relações de vizinhança e de amizade. Bento Prado¹⁴ afirma que na década de 40 era comum o uso das ruas, mesmo em bairros mais ricos e sofisticados, para o jogo:

¹²Não são raras, ainda hoje, as placas de trânsito espalhadas pela cidade alertando os motoristas que naquela rua se joga bola. Entretanto, tem sido mais fácil encontrar as placas do que o jogo. Tais placas são só mais uma manifestação da profundidade da relação que o futebol e a rua já tiveram.

¹³Apresentei no I Simpósio Nacional do Futebol um artigo, parte dos meus estudos de mestrado, intitulado “Modalidades e (ausência) de regras no futebol de rua”. Neste texto procuro abordar algumas das modalidades e formas de jogar futebol de rua ainda presentes (?) nas ruas de São Paulo. Jogos como o bobinho, paredão, três-dentro-três fora e linha são potentes exemplos da dinâmica envolvendo o futebol e suas possibilidades de jogar na rua.

¹⁴In: (www.folha.uol.com.br/foha/cotidiano/ult95u89110.shtml). Consultado dia 26/05/2008. Vale destacar que não só aqueles que seguiram profissionalmente o caminho do futebol que usavam a cidade para jogá-lo. O filósofo Bento Prado Júnior é mais um exemplo da dimensão que o jogo ocupou na cidade. Autores como João Antônio e João do Rio capturaram momentos do subterrâneo, do negado, do miúdo. Vê-se em tais obras a dimensão que a rua detinha, inclusive em seus aspectos lúdicos.

A SÃO PAULO DAS MIL E UMA VÁRZEAS: A CIDADE TOMADA PELO FUTEBOL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Glauco Gonçalves

O leitor de hoje achará muito ousada a tarefa de jogar futebol, ao meio da tarde, na alameda Santos, perto da Brigadeiro, ou no início da Cardoso de Almeida, onde se abre, de cima, o Sumaré. E, no entanto, para mim, era prática trivial. Não me lembro de carros que atrapalhassem demais nossa prática cotidiana. Prática que implicava um sistema de regras – uma arte – hoje inimaginável.

Não foi por acaso que Florestan Fernandes se dedicou ao estudo destas práticas infantis que tomavam conta da cidade¹⁵. A sociabilidade infantil posta pelo e no urbano daquela época se dava no entrecruzamento de grupos de crianças (de origens étnicas e de classes sociais diversas) no espaço público (ou tomado enquanto tal, como é o caso dos terrenos baldios que, embora eventualmente tivessem proprietários, eram apropriados como se fossem a extensão da rua). Eram impossível separar a infância da cidade e, conseqüentemente, de suas práticas lúdicas. A geografia do lúdico que podia ser visualizada na São Paulo da primeira parte do século vinte não se restringiu às várzeas, capturou – sobretudo por meio das crianças – espaços centrais da cidade¹⁶, e teve na rua um de seus lugares por excelência.

Não são raros os depoimento e escritos que dão a dimensão qualitativa e quantitativa deste “assalto” que a *pelada* realizou sobre a cidade. Inclusive, é recente, não chega a meio século, a possibilidade de separar de modo tão abrupto o jogo de bola, o futebol improvisado do uso da cidade. Cidade e futebol se fundiam de tal modo

¹⁵Estes grupos infantis eram conhecidos como “trocinhas”. Segundo FERNANDES (1961): As trocinhas estão condicionadas ao desejo de brincar – à recreação, como os demais tipos grupos infantis. Suas atividades, todavia, excedem aos limites da recreação em si mesma assumindo aspectos diferentes as relações entre seus componentes e destes relativamente ao seu grupo e as relações das diversas ‘trocinhas’ entre si. A condição básica para a formação das ‘trocinhas’ é a vizinhança. A continuidade espacial das famílias facilita a síntese social dos indivíduos, embora não os crie. (FERNANDES, 1961, p. 159). O autor destaca ainda a variedade e a diversidade das trocinhas: “Uma mesma vizinhança pode conter várias ‘trocinhas’, agrupando-se os imaturos em qualquer lugar: no meio das ruas, nas calçadas, nos campos, nos terrenos baldios, nos quintais grandes, etc” (FERNANDES, 1961, p. 165). As trocinhas, segundo Fernandes, são geralmente de duas ordens: as de meninas e as trocinhas de meninos que “[...] passam dos jogos para o ‘bate-bola’ (quando não começam por aqui mesmo) e acabam formando ‘timinhos’”. (FERNANDES, 1961, p. 160). Segundo o autor, as trocinhas femininas mantêm com maior facilidade os aspectos folclóricos, enquanto os meninos “fogem um pouco – com a natação, o futebol, etc”. (FERNANDES, 1961, p. 161). O autor nos descreve também a importância e a disseminação que possui o futebol na vida das “trocinhas”: “Entre o bairro da Luz e do Bom Retiro, num total de onze ruas, estudamos dezesseis ‘trocinhas’, das quais dez tinham sua equipe infantil!” (FERNANDES, 1961, p. 164).

¹⁶No imprescindível estudo de Florestan foram identificados mais de 20 times de crianças só no bairro do Bom Retiro, que está em região central da cidade.

que se era impossível a existência, até pouco tempo, de um jogador profissional que não tivesse jogado bola na várzea ou na rua¹⁷.

No entanto este profundo relacionamento entre o lúdico e a cidade foi fugaz. Se foi impressionante a rapidez com que, em menos de meio século, o futebol (improvisado, varzeano) ocupou e transformou radicalmente as formas de uso do tempo e produziu toda uma espacialidade do jogo que criou uma verdadeira geografia lúdica em São Paulo; não menos impressionante foi a rapidez com que esta forma lúdica de usar o tempo e todo seu espaço produzido para o jogo foi destruído.

Do lúdico ao lucro

“O abandono do lúdico é a traição que abre a porta a todas as outras” (VANEIGEM, 2002, p. 273)

Os limites da reprodução da várzea enquanto momento e lugar do lúdico iam sendo ceifados pela industrialização e seu necessário atrelamento à urbanização da sociedade. Soma-se a isto a crescente sistematização do esporte, que no Brasil (e em São Paulo) dá um salto com a transformação do futebol em atividade profissional. De forma conjunta, pois é parte do mesmo processo, o esporte abocanha o jogo varzeano ao colocar a possibilidade de ganhar a vida com o futebol¹⁸ e, ao mesmo tempo, os terrenos nos entornos dos rios vão adentrando o processo de urbanização de forma substancial. O esporte assalta o jogo, ao passo que a propriedade toma o campo.

[...] do processo de valorização estes atributos do tempo e do espaço, seriam gradativamente alterados. O futebol de várzea iria perdendo

¹⁷O próprio Pelé teve sua passagem formadora por ambos. Em um depoimento expõe sua relação com o futebol de rua: No livro “Eu Sou Pelé”, de 1961, o rei do futebol diz: [...] saímos à procura de meias velhas para fazer a bola, após uma breve reunião defronte à minha casa. Não demorou muito e havia meias até demais, algumas quase boas ainda, com furinhos pequenos demais para que elas fossem jogadas fora. Fizemos a bola e logo armamos a nossa primeira ‘pelada’ oficial, na rua da minha casa. Sapatos serviam de traves (eram poucos os que tinham) para os dois gols. (SHIRTS, 1982, p. 55)

¹⁸“A expectativa do profissionalismo que, na verdade, só existia para alguns craques, iria quebrando a unidade de princípio pressuposta no jogo como divertimento, recreação, gratuidade. Portanto, foi nesse contexto contraditório, de festa, de lúdico, de família, de padrões e de políticos interessados no futebol de várzea, que se propôs o problema do profissionalismo para o jogador de várzea” (SEABRA, 2003, p. 378).

A SÃO PAULO DAS MIL E UMA VÁRZEAS: A CIDADE TOMADA PELO FUTEBOL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Glauco Gonçalves

plasticidade e mobilidade em São Paulo à medida que os planos de enxugamento das várzeas começaram a limitar as práticas de futebol nas planícies aluviais dos rios de São Paulo, ou, nas várzeas paulistanas; e, sobretudo quando e porque, o sistema de necessidades inerente à formação da sociedade do trabalho fosse invadindo e determinando o cotidiano das pessoas de modo inexorável. (SEABRA, 2003, p. 377)

A rapidez com que tinha sido produzido toda uma geografia lúdica na São Paulo dos mil campos de várzea e mais de setecentos clubes, se realizou também no desmonte deste processo. Aliás não se pode sequer dissociar um momento do outro, visto que estes processos se sobrepujam em termos espaço temporais. Se é possível identificar o que chamei de popularização radical, sobretudo nas décadas de dez e vinte, com o surgimento de centenas de campos de várzea¹⁹, é também já na década de vinte que a urbanização começa a ganhar corpo e se mover sobre esta produção do espaço lúdico. Entretanto, é a partir da década de quarenta que o processo de urbanização (já acompanhado do profissionalismo futebolístico implantado nos anos trinta) avança, inexorável, em força e quantidade passando a sufocar a tal geografia do lúdico que se podia encontrar disseminada na espacialidade, sobretudo varzeana, da cidade. Também é um marco significativo deste processo sistêmico de eliminação dos campos de várzea (e conseqüentemente de boa parte da espacialidade gratuitamente destinada ao jogo) as obras de retificação dos rios Pinheiros e Tietê. Como já foi dito em nota, este processo abarcou uma área de nada menos que alguns trilhões de metros quadrados que, depois de retificados os rios, passaram a ocupar um novo lugar na urbanização da cidade, não configurando mais uma franja distante e desprezível mas sim uma nova fronteira para os negócios imobiliários urbanos²⁰. Em texto publicado no “*Correio Paulistano*” de 26

¹⁹Que, como pontuei na em outra parte do texto, transcenderam as planícies e chegaram a áreas não diretamente vinculadas aos rios, mas que pela força do fenômeno das várzeas assim foram nomeados.

²⁰Nos ajuda a compreender este processo saber que o departamento de terras da empresa Light se tornou, em poucos anos, o seu principal departamento superando, inclusive, o de energia. Também é notório citar a presença da “The Company City”, empresa inglesa que loteou, entre outras áreas, os chamados jardins (América, Europa), valorizando enormemente as áreas próximas ao Pinheiros.

de novembro de 1948 já é possível ver o colapso da espacialidade produzida pelo e para o lúdico:

O que mais aflige atualmente os clubes varzeanos é, sem dúvida alguma, a falta de campo para a prática do futebol menor. Com o crescimento vertiginoso da nossa capital, vão rareando os terrenos ao redor da cidade que se prestam à prática do esporte preferido pela nossa gente. Infelizmente, a municipalidade nunca se interessou pelos clubes varzeanos. E a esses clubes não sobram recursos para a aquisição de terrenos que hoje custam uma verdadeira fortuna. (Apud In: SEABRA, 2003, p. 380)

Também em depoimento de pessoas que viveram naquela época é possível visualizar a força desagregadora deste processo:

O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo para a fábrica [...] antes o pessoal estava espalhado nas várzeas e nos bairros jogando mesmo [...] quando foi morrendo o jogo da várzea e o futebol de bairro, começou a se concentrar o público nos estádios. (BOSI, 1983, p. 88)

O depoimento acima é esclarecedor não só da magnitude da transformação dos campos em lugares de trabalho e de moradia, como também já aponta para as decorrências advindas desta rarefação dos espaços lúdicos. Partindo deste depoimento não é difícil constatar que a morte do jogo na várzea, o fim da possibilidade de se jogar, abriu o caminho para a conformação de uma massa crescente de espectadores. A cidade dos jogadores foi sendo transformada na cidade dos “assistidores”, dos torcedores. Se não há mais praticantes (pelo menos não na mesma proporção e nos mesmos moldes: irradiando por todos os lados da cidade), resta tão somente a possibilidade de ser espectador.

De modo que o processo que vai do *lúdico ao lucro* se concretiza *no* campo e *com* o campo. *No* campo pois a profissionalização e a sistematização do esporte definitivamente iam se contrapondo ao jogo. A modernização da sociedade pode ser sentida aqui como um processo que atravessa a vida cotidiana e, neste caso, desmonta uma complexa rede de relações embasadas no futebol improvisado e varzeano. A cidade do trabalho avançava levando-o nos interstícios do tempo do ócio, tornando-o negócio, como nos mostrou Odette Seabra (SEABRA, 2008). A

profissionalização do futebol, no bojo da cotidianidade urbana, gerou uma transformação profunda na forma de jogar, e aquela oposição do tempo do jogo avesso ao do trabalho foi desaparecendo como realidade generalizada nos finais de semana e feriados. O futebol vira um meio para tentar garantir a sobrevivência, e com esta não se brinca.

Com o campo pois como se pode ver, inclusive no depoimento recolhido por BOSI (1983), a produção do espaço regido pelas relações sociais de produção se sobrepôs brutalmente àquele espaço produzido para e pelo lúdico. O rápido crescimento urbano submetido à lógica implacável da mercadoria fez com que cada metro quadrado de campo fosse contabilizado em dinheiro, com preços cotados no mercado. Ademais, os campos eram capazes de reunir áreas relativamente grandes²¹ de forma contínua, sendo atrativos às fábricas e prédios comerciais ou residenciais. É relevante notar que este processo ainda segue em curso, e os poucos campos de várzea ainda existentes pela cidade (não mais que uma centena deles) continuam na mira da especulação e dos negócios com o espaço, pelos mesmos motivos descritos acima. Tal fato demonstra a profundidade, a extensão e a força com que o espaço para o jogo adquiriu na cidade, visto que mesmo depois de sete, oito décadas de incorporação sistemática destas áreas pelo mercado elas ainda, enquanto resíduo, existem e resistem.

Debord afirma que o espetáculo não se configura como um mero conjunto de imagens, mas se desenvolve enquanto um conjunto de relações sociais mediadas por imagens. No caso da passagem do lúdico ao lucro, do tempo do ócio para o dos negócios, a constatação de Debord pode ser mobilizada para compreender como a lógica de reprodução da sociedade da mercadoria se apropriou do lastro passional advindo do período em que existiu de forma disseminada uma ampla espacialidade do jogo para recondiçaná-lo e resignificá-lo, adequando-o à estrutura, cada vez mais passiva (embora ainda passional) que hoje rege o futebol. Esta operação espetacular

²¹Cada campo de futebol profissional possui, em média, um hectare, cerca de dez mil metros quadrados. Evidentemente nem todos os campos de várzea possuíam esta metragem que é oficial, mas era também possível encontrar áreas maiores que estas pois haviam grandes campos e para além deles também existiam, em vários casos, clubes com sede, estrutura social, etc.

é profunda pois se move no âmbito dos termos qualitativos do vivido que são recondicionados para realização (cada vez mais autônoma) do valor de troca. Portanto o espetáculo não deve ser entendido como uma mera profusão de imagens meticulosamente produzidas e disseminadas, mas deve, isto sim, ser entendido como uma forma sofisticada de reprodução do mundo da mercadoria que se vale do que há de mais profundo o vivido (ou da memória viva do que se viveu). A mercadoria espetacular é aquela capaz de reunir a emoção verdadeiramente vivida e acumulada em determinado momento da vida cotidiana oferecendo-a como um momento do que é falso e que pode ser comprado. O espectador não é só aquele que assiste, é aquele que deixou de ser ativo (jogador) e que compra algo buscando adquirir a emoção o sentimento produzido pelo jogo²².

O espetáculo só pode ser compreendido se for levado em conta a capacidade que o capitalismo adquiriu de capturar sentimentos e sensações profundas do vivido para transformá-las, não sem diminuí-las, em mercadorias²³. Por isso não é à toa que o futebol galgou uma posição de suma relevância da reprodução das relações de produção. Há um histórico que diz respeito à paixão, ao amor ao jogo, que hoje é constantemente trazido à tona para qualificar um conjunto de mercadorias que estão atreladas a ele. O futebol foi jogado, vivido, como uma grande paixão que se disseminou e tomou conta de toda a cidade, preencheu profundamente as formas de uso do tempo, e que por isso tem tamanha capacidade mercadológica.

A grande questão que se coloca é como a paixão futebolística ainda se mantém viva depois de ser destituída de sua potência criativa e de sua realização prática, restando somente a condição de espectador. Pode-se argumentar que o futebol, sua

²²“O espetáculo decorreria do fato de que o homem moderno ser demasiado espectador. [...] decorre do simples fato de os homens, a sua realidade maciça da vida social atual, não viveram acontecimentos. Porque a própria história assombra a sociedade moderna como um espectro, surge uma pseudo-história construída em todos os níveis do consumo da vida, para preservar o equilíbrio ameaçado do atual *tempo congelado*” (DEBORD, 1997, p. 130).

²³“O espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões. É nessa luta cega que cada mercadoria, ao seguir sua paixão, realiza de fato na inconsciência algo de mais elevado: o devir-mundo da mercadoria, que também é o devir-mercadoria do mundo. Assim, por uma *astúcia da razão mercantil*, o que é *particular* da mercadoria gasta-se no combate, ao passo que a forma-mercadoria caminha para sua realização absoluta” (DEBORD, 1997, p. 44).

A SÃO PAULO DAS MIL E UMA VÁRZEAS: A CIDADE TOMADA PELO FUTEBOL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Glauco Gonçalves

forma de realização, sua capacidade de apaixonar, de envolver é grande. Mas creio que seja preciso incluir aqui, mais uma vez, a questão da *acumulação primitiva da paixão futebolística*. Que neste caso envolve toda a gama de práticas ludopédicas, da pelada ao “Desafio ao galo”²⁴, que transformaram não só a cidade, mas sua forma de usá-la. Agora, esta espécie de memória emocional coletiva é tomada de assalto e resignificada (evidentemente não sem uma irreparável perda qualitativa) tornada mercadoria.

²⁴Celebre e clássica competição de várzea de São Paulo que durou décadas. A mais de uma década passou a ser patrocinada por uma empresa de cerveja e passou a ter seu nome.

Referências

- ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha**. 2º ed. rev. São Paulo, Edusp, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte**. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-Tempo na Metrópole fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. **O espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COELHO, Eduardo (org.). **Donos da Bola**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- DAMO, Arlei S. **Do Dom à profissão**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBORTOLI José Alfredo O., MARTINS Maria de Fátima A., MARTINS, Sérgio. **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- FAUSTO, Boris. Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio culturais do esporte de multidões. In: **Folha de São Paulo. Mais! São Paulo**, 6 de dezembro de 2005, p. 3.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Anambi, 1961.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GONÇALVES, Glauco R. **A crise da cidade em jogo**: O futebol na contramão em ruas da Penha. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2011.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. Paris: Arthème fayard, 1997.

JACQUES, Paola B. (org.). **Apologia da Deriva**. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**, Vol II: Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: Éditions L'arche, 1961.

MORAES, Cristian. **Um ensaio sobre o espetáculo de jogo na hipocrisia do tempo livre**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade de São Paulo, 2012.

MUMFORD, Lewis. **La Ciudad en la Historia**. Vol. I e II, Buenos Aires: Infinito, 1979.

RIBEIRO, André. **Os Donos do espetáculo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, Edusp, Ed. Unicamp, 1993.

SEABRA, Odette C. L. Futebol: do ócio ao negócio. In: Debortoli, José Alfredo O., Martins, Maria de Fátima A., Martins, Sérgio. **Infâncias na MetrÓpole**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. TerritÓrio do uso: cotidiano e modo de vida. In: **CIDADES: Revista Científica Grupo de Estudos Urbanos**, Vol. 1 n. 1, Presidente Prudente: UNESP, 2004, (pp. 181-206).

A SÃO PAULO DAS MIL E UMA VÁRZEAS: A CIDADE TOMADA PELO FUTEBOL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Glauco Gonçalves

_____. **Urbanização e fragmentação:** cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações no bairro do Limão. Tese de Livre Docência – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações.** São Paulo: Conrad, 2002.

Artigo recebido em 24/08/2018

Artigo aceito em 24/11/2018